

Revisão da Literatura

Perfil psicológico e comportamental de agressores sexuais de crianças

Psychological and behavioral profile of sexual abusers of children

ANTONIO DE PÁDUA SERAFIM¹, FABIANA SAFFI¹, SÉRGIO PAULO RIGONATTI¹, ILANA CASOY², DANIEL MARTINS DE BARROS¹

¹ Núcleo de Psiquiatria e Psicologia Forense (Nufor), Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas, Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP).

² Escritora e pesquisadora sobre crimes seriais.

Recebido: 18/12/2008 – Aceito: 26/3/2009

Resumo

Contexto: A prática de abuso sexual contra crianças é um fenômeno universal. Ela ocorre em todos os tempos e lugares e atinge todas as classes socioeconômicas. Enquanto a maioria dos estudos investiga as vítimas, os poucos estudos sobre agressores se concentram principalmente em dados demográficos. **Objetivo:** Apresentar revisão da literatura quanto à classificação de molestadores sexuais de crianças, de acordo com o perfil psicológico e comportamental. **Métodos:** Revisão da literatura e discussão do material utilizado. **Resultados:** Apresentação das principais classificações dos criminosos sexuais contra crianças, identificando as tipologias mais utilizadas com suas possíveis contribuições à psiquiatria e à psicologia forense. **Conclusão:** A utilização do perfil psicológico em crimes sexuais é de fundamental relevância no contexto médico-legal, mas ainda carece de bases científicas mais sólidas.

Serafim AP, et al. / *Rev Psiq Clín.* 2009;36(3):105-11

Palavras-chave: Abuso sexual, perfil psicológico, violência sexual, ciências forenses.

Abstract

Background: Sexual violence against children is a universal problem, occurring since ever, everywhere and regardless the socio-economic status. Whist most studies have been dedicated to the victim of such crime, there is little information regarding their perpetrators, which is largely limited to the description of demographic data. **Objective:** Review the literature regarding children sexual aggressors according to psychological and behavioral profile. **Methods:** Literature review and discussion. **Results:** Presentation of the major classifications of offenders, pointing out the most widely used ones and the implications to forensic psychiatry and psychology. **Conclusion:** The psychological and behavioral profile use is very important for medico-legal practice, but still needs better scientific validation.

Serafim AP, et al. / *Rev Psiq Clín.* 2009;36(3):105-11

Keywords: Sexual abuse, psychological profile, sexual violence, forensic sciences.

Introdução

A violência sexual vem sendo perpetrada desde a antiguidade em todos os lugares do mundo, em todas as classes socioeconômicas, sendo fenômeno complexo, com multiplicidade tanto de causas quanto de consequências para a vítima¹⁻⁵.

As experiências de violência ou abuso sexual na infância correlacionam-se a perturbações psicológicas e comportamentais na vida adulta, especificamente sendo identificada a associação entre o abuso sexual de crianças e os distúrbios psiquiátricos como transtorno de estresse pós-traumático, transtornos do humor e transtornos psicóticos⁶⁻¹².

Segundo os dados do Departamento de Justiça dos Estados Unidos, criminosos sexuais são indivíduos que podem pertencer a qualquer classe socioeconômica, raça, grupo étnico ou religião. A grande maioria não tem comportamento criminal específico. Tipicamente, seu grau de escolaridade é de ensino fundamental ou médio, está empregado e apenas 4% sofrem de doença mental severa¹³.

Os crimes sexuais não acontecem simplesmente, pois somente pequeno número de molestadores de crianças age sem planejamento ou premeditação. Para a maioria desses criminosos o planejamento se inicia horas, dias ou até meses antes da ação. Apesar de compreenderem que estão agindo fora da lei, racionalizam seu comportamento, convencendo-se de que não estão cometendo nenhum crime e de que seu comportamento é aceitável¹⁴⁻¹⁷.

O molestador de crianças convence a si mesmo de que a criança quer se relacionar sexualmente com ele, projetando nela os pensamentos e sentimentos que ele quer que ela tenha sobre ele. Ele interpreta a reação humana da vítima aos seus atos preparatórios e manipulatórios como resposta positiva aos seus desejos sexuais e se convence de que seu comportamento abusivo não causa estragos nem é prejudicial^{18,19}.

O objetivo do presente trabalho é apresentar uma revisão da literatura concernente à classificação de molestadores sexuais de crianças de acordo com o perfil psicológico e comportamental.

Métodos

Para a elaboração do presente trabalho, os seguintes procedimentos foram adotados

Foi realizada busca *on-line* nas bases de dados MedLine-PubMed e SciELO, considerando a literatura dos últimos 20 anos. Os textos foram pesquisados por área de interesse: psiquiatria forense, psicologia forense e medicina legal. Para a base de dados MedLine-PubMed, foram utilizados os seguintes termos: *child sexual abuse, child molesters, sex offender, forensic examination psychological profile*. Para a base dados SciELO, foram utilizados os seguintes descritores: pedofilia, abusador, molestador, ofensa sexual, perfil psicológico, totalizando 39 artigos que preencheram os critérios para este estudo.

Foram também consultados livros-textos e periódicos disponíveis nas bibliotecas do Instituto de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), do Instituto de Psicologia da USP e do Instituto Oscar Freire da FMUSP, uma vez verificada a ausência de trabalhos nacionais referentes ao tema perfil psicológico de abusadores sexuais. Foram adicionados ainda nesta pesquisa dados do Department of Justice (US) – Session Sexual Assault of Young Children as reported to Law Enforcement (www.missingkids.com/en-US/publication/NC70.pdf).

Apresentação e discussão do material obtido

Os resultados, de maneira geral, demonstraram que o termo “perfil psicológico de abusadores sexuais infantis” não é consenso na literatura especializada, embora se publique. Entretanto, quando se reporta à publicação nacional, esta é inexistente. Observa-se, ainda, tendência a englobar a violência sexual contra crianças no contexto geral da pedofilia, e não da criminalidade, como será visto nas discussões por tópicos.

Caracterização da pedofilia: abusadores versus molestadores

Embora o termo pedofilia seja largamente associado à violência sexual infantil, trata-se mais precisamente de transtorno parafilico (e, para a maioria desses autores, não implica necessariamente atos criminosos – na verdade, na maioria dos casos não há ocorrência de atos ilícitos). É consenso que os portadores de pedofilia podem manter seus desejos em segredo durante toda a vida sem nunca compartilhá-los ou torná-los atos reais; podem casar-se com mulheres que já tenham filhos ou atuar em profissões que os mantenham com fácil acesso a crianças, mas raramente causam algum mal²⁰⁻²².

Por outro lado, os molestadores de crianças, em sua maioria, apresentam motivações variadas para os seus crimes, que raramente têm origem em transtornos formais da preferência sexual^{18,19,23-27}.

Acredita-se que a passagem da fantasia para a ação no caso dos pedófilos ocorre com maior frequência quando o indivíduo é exposto a estresse intenso, situações nas quais haja grande pressão psíquica, como discussão conjugal importante, demissão, aposentadoria compulsória etc. Nesse caso, quando envolvidos com atos ilícitos, a expressão do comportamento criminoso dos pedófilos permite diferenciá-los em dois tipos: os abusadores e os molestadores. Os abusadores caracterizam-se principalmente por atitudes mais sutis e discretas no abuso sexual, geralmente se utilizando de carícias, visto que em muitas situações a vítima não se vê violentada. Já os molestadores são mais invasivos, menos discretos e geralmente consomem o ato sexual contra a criança^{20-23,25}.

Há, ainda, autores que classificam os pedófilos baseados na preferência de gênero – homossexual, heterossexual ou bissexual –, enquanto outros preferem diferenciá-los por faixa etária – adolescentes, de meia-idade ou idosos²⁷.

a) Pedófilo abusador

O tipo mais comum de pedófilo abusador é o indivíduo imaturo. Em algum ponto da vida ele descobre que pode obter com crianças níveis de satisfação sexual que não consegue alcançar de outra maneira. Trata-se de tipo solitário, e a falta de habilidade social acaba levando-o a mergulhos cada vez mais profundos e fantasiosos na pedofilia. Seu comportamento é expresso de forma menos

invasiva (usam de carícias discretas) e dificilmente age com violência, o que na maioria das vezes dificulta que a criança e as pessoas ao seu redor notem o fato. Tende a se envolver com pornografia infantil, pela internet ou utilizando fotografias diferentes dos molestadores¹⁶⁻¹⁹.

b) Pedófilo molestandor

Como dito, a característica marcante do pedófilo molestandor é o padrão de comportamento invasivo com utilização frequente de violência. Esse tipo também pode ser dividido em dois grupos: molestadores situacionais e preferenciais^{16-19,24}.

b.1) Molestandor situacional (pseudopedófilo)

Para esse indivíduo a criança não é especialmente o objeto central de sua fantasia, logo não pode ser diagnosticado como pedófilo, na acepção estrita do termo. Alguma circunstância contingente o impele a obter gratificação sexual através da criança, o que ocorre muito mais pela fragilidade dela e pela dificuldade de ser descoberto do que pelo fato de ser pré-púbere – daí a denominação “situacional”¹⁶⁻¹⁹.

Esse tipo de molestandor frequentemente é casado e vive com a família, mas, se alguma situação de estresse acontece, ele é levado a sentir-se mais confortável com crianças. Na maioria das vezes ataca meninas. Se a preferência for por meninos, é provável que, nesse caso, o agressor seja homossexual¹⁷.

A maioria dos agressores desse tipo pertence às classes socioeconômicas mais baixas e é menos inteligente. Seu comportamento sexual está a serviço das suas necessidades básicas sexuais (excitação e desejo) ou não sexuais (poder e raiva). São oportunistas e impulsivos, focalizam as características gerais da vítima (idade, raça, gênero) e os primeiros critérios para a escolha dela são a disponibilidade e a oportunidade. Entre os molestadores de criança situacionais existem três perfis diferentes de indivíduos: o regredido, o inescrupuloso e o inadequado^{17,18}.

b.1.1) Molestandor situacional regredido

Segundo alguns autores¹⁶⁻¹⁸, o indivíduo com esse perfil, em razão de vivências intensas de estresse, regride a estágios anteriores do desenvolvimento e, para sentir-se seguro e à vontade, passa a interagir melhor com pessoas tão fragilizadas quanto ele naquele momento. Por esse motivo, não ataca apenas crianças. Para satisfazer seus desejos sexuais, utiliza-se de qualquer grupo vulnerável, como idosos e deficientes físicos ou mentais.

Esse tipo de molestandor apresenta estilo de vida estável, financeira e geograficamente. Deve estar empregado, mas no seu histórico podem constar alguns problemas relativos a abuso de substâncias alcoólicas. Tem prazer imenso em seduzir, diminuindo, assim, seus

problemas com a baixa auto-estima, que provavelmente o acometem, e mantém várias vítimas seduzidas em estágios diferentes, esperando sua ação^{19,24}.

A internet é um meio de busca de alvos bastante comum para esse tipo de agressor, cujo comportamento sexual é composto de sexo oral e vaginal. O uso de pornografia infantil melhora seu desempenho e a conquista da vítima. É frequente esse tipo de molestandor infantil colecionar filmes caseiros e/ou fotografias das crianças que foram suas vítimas^{16,19}.

b.1.2) Molestandor situacional inescrupuloso (moral ou sexual)

Esse agressor abusa de quem está disponível para satisfazer suas necessidades sexuais e o fato de atacar crianças faz parte desse contexto, não sendo a sua prioridade. Molestar uma criança é parte do padrão de abuso geral em sua vida, pois tem como hábito usar e abusar das pessoas. Esse indivíduo mente, trapaceia, furta e não vê motivo para não molestar crianças. Usa força, sedução ou manipulação para conquistar sua vítima. É um indivíduo charmoso, considerado agradável pelas pessoas e crianças à sua volta. Se for casado, é o tipo de homem que troca de mulher a toda hora^{16,18}.

O incesto é comum para esse molestandor, que não hesita em envolver seus filhos ou enteados na realização de seus desejos. Não é raro esse agressor fazer parte de grupos de pornografia infantil, mas escolhe uma faixa etária definida de vítimas ao atacar crianças¹⁶⁻¹⁸.

b.1.3) Molestandor situacional inadequado

Alguns autores^{17,19,24} enfatizam a possibilidade de que esse tipo de molestandor sofra de alguma forma de transtorno mental (retardo mental, senilidade etc.) que o impossibilita de perceber a diferença entre certo e errado em suas práticas sexuais, ou seja, o caráter delituoso de seus atos. Em geral, não manifesta comportamento agressivo, isto é, não machuca a criança fisicamente, pois suas práticas sexuais envolvem abraçar, acariciar, lamber ou outros atos libidinosos que raramente incluem a relação sexual. Quando mantém relação sexual com a criança, esta tende a ser anal ou oral.

A tabela 1 expressa a síntese das principais características do molestandor de crianças situacional.

b.2) Pedófilo molestandor preferencial

Para o molestandor desse grupo, a gratificação sexual só será alcançada se a vítima for uma criança. Na realidade americana os agressores desse grupo tendem a ser mais inteligentes que a média da população e pertencem a classes sociais mais elevadas. Seu comportamento sexual está a serviço de suas parafilias e é persistente e compulsivo, orientado por suas fantasias. Focaliza sua ação em vítimas específicas, no seu relacionamento com elas ou no cenário dos fatos. Alguns colocam em

Tabela 1. Características psicológicas e comportamentais dos molestandores de crianças situacionais

Molestandores de crianças situacionais				
Elemento	Regredido	Inescrupuloso moral	Inescrupuloso sexual	Inadequado
Traços básicos	Pouca habilidade em lidar com problemas	Usa pessoas disponíveis	Experimentador sexual	Desajustado socialmente
Motivação	Substituição	“Por que não?”	Enfado, tédio	Insegurança e curiosidade
Critério – escolha da vítima	Disponibilidade	Vulnerabilidade, oportunidade	Novo e diferente	Sem risco
Comportamento (modo operante)	Coerção	Sedução, força ou manipulação	Envolve em atividade existente	Aproveita-se da vantagem de tamanho
Coleção pornográfica	Possível	Sadomasoquista/revistas policiais	Altamente provável	Provável

Adaptada de Holmes e Holmes¹⁶.

prática com a criança as fantasias que têm vergonha de executar com um parceiro adulto. O número de vítimas desse tipo de molestandor de crianças é altíssimo e ele costuma atacar mais meninos do que meninas^{16,19}.

A característica marcante desse tipo de molestandor é a violência extrema, que chega até o homicídio. Ele pode ser do tipo: sedutor, sádico e introvertido¹⁶.

b.2.1) Pedófilo molestandor preferencial sedutor

De acordo com Holmes e Holmes¹⁶, esse perfil representa um dos grupos mais perigosos, visto ser difícil para a criança escapar das suas mãos. Geralmente ele corteja, presenteia e seduz seus alvos e é capaz de percorrer qualquer distância para alcançá-los. Em princípio, esse ofensor não quer machucar a criança. Fica íntimo dela antes de molestá-la e insinua gradativa e indiretamente assuntos sexuais, usando pornografia infantil e parafernália sexual. Esse material tem como objetivo diminuir as inibições da vítima e criar a possibilidade de ela manter sexo com um adulto. Normalmente é solteiro, tem mais de 30 anos e estilo de vida e comportamento infantilizados.

Para que esse tipo de molestandor infantil possa estar em constante contato com seus alvos, deixando crianças em vários estágios de sedução, é necessário que o contato seja legítimo. Sendo assim, as profissões escolhidas por esse tipo de agressor serão aquelas da qual as crianças são parte inquestionável, como funcionários de escolas, monitores de acampamento, técnicos esportivos, motoristas de ônibus escolar, fotógrafos, padres etc.^{16,19}.

b.2.2) Pedófilo molestandor preferencial sádico

Esses agressores pretendem molestar crianças com o expresso desejo de machucá-las. Seu excitamento sexual é diretamente proporcional à violência, que pode ser fatal^{16,19}.

O crime é premeditado e ritualizado, sendo resultado de elaborado plano de ataque. Ele não conhece a criança que ataca e não a seduz: utiliza-se de truques para tirá-la dos pais ou de armas para amedrontá-la ou simplesmente a leva a parquinhos, *shopping centers* e escolas¹⁹.

A maioria dos molestandores desse tipo é do sexo masculino, tem personalidade antissocial, trabalha em empregos temporários e muda frequentemente de endereço ou de cidade. Antecedentes criminais envolvendo atos violentos, como estupro ou assalto, são comuns. Os meninos se caracterizam como a principal vítima desse molestandor, que prefere o sexo anal. Machuca a criança de forma fatal, e a prática do canibalismo pode ser frequente. Castração de meninos, brutalização da área genital feminina e decapitação fazem parte do repertório de mutilações desse criminoso^{16,19}.

b.2.3) Pedófilo molestandor preferencial introvertido

É um indivíduo que prefere crianças, mas não tem habilidade pessoal para seduzi-las. Tipicamente, mantém mínima comunicação verbal com a criança que escolhe. Em geral, ela é desconhecida e muito pequena para entender o que está acontecendo. Sua área de ação envolve os parques infantis ou locais com grande concentração de crianças, onde observa e/ou tem breves encontros sexuais¹⁹. Telefonemas obscenos e exibicionismo também são ofensas comuns. Para realmente se relacionar sexualmente utiliza prostituição infantil, turismo sexual, internet ou se casa com a mãe das crianças que deseja para ter acesso legítimo e seguro e com a frequência que necessita¹⁹.

A tabela 2 apresenta as características entre molestandores situacionais e preferenciais.

Pedofilia, psicopatia e violência sexual

Um importante aspecto associado aos molestandores de crianças é a psicopatia²⁸⁻³². A presença de psicopatia em pedófilos colabora para a expressão de insensibilidade

Tabela 2. Características de molestadores situacionais e preferenciais

Molestador situacional	Molestador preferencial
Inteligência inferior	Inteligência superior
Baixa classe socioeconômica	Alta classe socioeconômica
Transtornos de personalidade do tipo: <ul style="list-style-type: none"> • Antissocial/Psicopática • Narcisista • Esquizoide 	Parafilias do tipo: <ul style="list-style-type: none"> • Pedofilia • Voyeurismo • Sadismo
Comportamento criminal variado	Comportamento criminal focado
Pornografia violenta	Pornografia temática
Impulsivo	Compulsivo
Considera riscos	Considera necessidade
Erros cometidos por negligência	Erros cometidos por necessidade
Orientado intelectualmente	Orientado pela fantasia
Espontâneo ou planejado <ul style="list-style-type: none"> • Disponibilidade • Oportunidade • Ferramentas • Aprendizado 	<i>Script</i> <ul style="list-style-type: none"> • Auditivo • Repetitivo • Com acessórios • Crítico
Padrões de comportamento – MO <ul style="list-style-type: none"> • Praticidade • Flexibilidade 	Padrões de comportamento – Ritual <ul style="list-style-type: none"> • Necessidade • Rigidez

MO: modus operandi. Adaptada de Holmes e Holmes¹⁶.

afetiva, diminuição da capacidade empática e elevado comportamento antissocial. Vários estudos têm demonstrado que criminosos psicopatas apresentam histórico de violência gratuita, com atos extremos de violência, como sadismo, crueldade e brutalidade³³⁻³⁶.

O termo psicopatia descreve o indivíduo que apresenta padrão invasivo de desrespeito e violação dos direitos dos outros e pobreza geral nas reações afetivas – estima-se que entre 25% e um terço dos indivíduos com transtorno de personalidade antissocial apresentam critério para psicopatia²⁹. O que vai caracterizar o pedófilo ou molestador com psicopatia é a manifestação de evidente crueldade na conduta sexual, centrada e modulada pela postura de indiferença à ideia do mal que comete, não expressando emoções quanto ao desvio nem ao fato de que o seu comportamento produz sofrimento. Sugere-se que esse tipo de agressor sexual experimenta o prazer não mais com o sexo, e sim com o sofrimento de sua vítima. Em geral, reduz a vítima ao nível de objeto, passível de toda manipulação, degradação e descarte³⁴. O crime por prazer é produto de extremo sadismo, e a vítima é assassinada e mutilada com o propósito de provocar gratificação ao criminoso, sendo o prazer dele adquirido pela violência, e não pelo ato sexual³⁶.

Segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais³⁷, a prática do abuso pode ser caracterizada como o comportamento desviante denominado parafilia (do grego *para* → ao lado de, oposição + *philos* = amante, atraído por) se for motivada por transtorno da preferência sexual. Notadamente, as parafilias são caracterizadas por impulsos sexuais intensos e recorrentes, modulados por fantasias e manifestação de comportamentos não convencionais, como ocorre no fetichismo, travestismo fetichista, exibicionismo, voyeurismo, necrofilia e pedofilia³⁷.

Alguns autores ressaltam que o fato de uma pessoa apresentar preferências por determinadas partes do corpo, objetos e acessórios não representa necessariamente parafilia e, em muitos casos, não há riscos para condutas sexuais criminosas. De acordo com esses autores, para que esse funcionamento preencha critérios para a parafilia, deve-se considerar no seu portador os seguintes aspectos: 1) caráter opressor do desejo, com perda de liberdade de opções e alternativas, isto é, o parafilico não consegue deixar de atuar dessa maneira; 2) caráter rígido, significando que a excitação sexual só se consegue em determinadas situações e circunstâncias estabelecidas pelo padrão da conduta parafilica; e 3) caráter compulsivo, que se reflete na necessidade imperiosa de repetição da experiência^{15,20,21}.

A dificuldade no controle da compulsão se apresenta como o fator de maior vulnerabilidade para a ocorrência de condutas criminosas com implicação médico-legal²⁷. Altos níveis de testosterona, incapacidade em manter relação conjugal estável, traumatismo cranioencefálico, retardo mental, psicoses, abuso de álcool e substâncias psicoativas, reincidência de crimes sexuais e transtornos da personalidade são outros fatores conhecidos de vulnerabilidade para as condutas sexuais criminosas³⁸⁻⁴². Ressalta-se que no Brasil há grande escassez de material de pesquisa sobre a violência sexual infantil¹.

Outro padrão psicológico e comportamental observado em molestadores refere-se a aspecto obsessivo. Gacono *et al.*²⁸ ressaltaram que o construto obsessivo nos molestadores psicopatas se inicia bem antes da primeira expressão de conduta sexual delituosa.

Características demográficas e comportamentais dos agressores

Molestadores sexuais dificilmente modificam seus aspectos psicológicos, culturais ou sexuais, mesmo que corram risco de eles serem identificados. Para alguns autores^{19,27}, a realização da investigação fenomenológica é a chave para a identificação do agressor.

O *modus operandi* (MO) – expressão repetitiva do comportamento criminoso em questão – assegura o sucesso do crime, protege a identidade do criminoso e garante sua fuga. O MO é dinâmico e maleável, na medida em que o infrator ganha experiência e confiança. O ritual, por sua vez, é comportamento que excede o

necessário para a execução do crime, sendo construído com base nas necessidades psicosssexuais do agressor, e este aspecto é crítico para a satisfação dos seus desejos e impulsos^{16-19,24}.

Lanning¹⁸ ressalta que, se o MO é repetido frequentemente durante a atividade sexual, alguns de seus aspectos podem, por comportamento condicionado, transformar-se em ritual e seus comportamentos subsequentes são determinados pelas imagens eróticas e abastecidos pela fantasia e podem ter natureza bizarra.

O típico agressor é homem, começa a molestar por volta dos 15 anos, se engaja em vários comportamentos perversos e molesta uma média de 117 jovens, cuja maioria não dá queixa. Cerca de 30% são menores de 35 anos. Por volta de 80% têm inteligência normal ou acima da média^{16,18}.

Lanning¹⁹ e Salfati e Canter²⁵ ressaltam que 50% dos abusos infantis envolvem o uso de força física e que molestadores de crianças produzem o mesmo percentual de ferimentos na vítima que os estupradores

Mais da metade dos criminosos sexuais condenados que acabam de cumprir pena voltam para a penitenciária antes de um ano. Em dois anos esse percentual sobe para 77,9%. A taxa de reincidência varia entre 18% e 45%. Quanto mais violento o crime, maior a probabilidade do criminoso repeti-lo³⁰.

Considerações finais

Analisado com minúcia, o crime sexual contra menores vem se mostrando complexo e variado, com diferentes perfis de criminosos se engajando nessa prática, por diferentes motivos. O perfil psicológico para identificar criminosos sexuais, embora utilizado por alguns pesquisadores, ainda requer melhor validação científica, visto que seus procedimentos são em sua maioria decorrentes de pesquisas empíricas⁴³.

Diante do quadro exposto, todavia, tal prática é muitas vezes necessária na esfera da psiquiatria e da psicologia forense, não só como forma de ampliação do conhecimento da dinâmica do indivíduo agressor, mas também contribuindo para a determinação da sua capacidade de entendimento e autocontrole.

Reforça-se que estabelecer sólidas bases para a classificação de criminosos sexuais de acordo com comportamento, tipo de vítima, motivação e risco de reincidência só é possível em um contexto interdisciplinar. Fica claro que a confluência dos saberes do psiquiatra, apto a diagnosticar transtornos mentais com seu instrumental específico; do psicólogo, cuja *expertise* se dá na direção da análise do comportamento, das motivações e da psicodinâmica subjacente aos atos; do assistente social, capaz de identificar elementos do contexto socioeconômico e familiar implicados nas situações; enfim, de equipe verdadeiramente comprometida com o trabalho conjunto, deve ser ativamente perseguido, se o objetivo é traçar perfil fidedigno das pessoas envolvidas em atitudes,

como os crimes sexuais, uma vez que o comportamento de agressores sexuais não apresenta uma causa única, tem origem sabidamente multifatorial e envolve o complexo imbricamento de vários fatores. Só assim haverá, de fato, possibilidades para uma contribuição de forma técnica tanto para a possível identificação do ofensor como para o planejamento de tratamentos individualizados, auxiliando na definição de qual intervenção é mais efetiva e para quem.

Referências

1. Aded NL, Dalcin BLS, et al. Abuso sexual em crianças e adolescentes: revisão de 10 anos da literatura. Rev Psiquiatr Clín. 2006;33(4):204-13.
2. Arboleda-Florez J, Wade TJ. Childhood and adult victimization as risk factor for major depression. Int J Law Psychiatry. 2001;24:357-70.
3. Deblinger E, Mcleer SV, Henry D. Cognitive behavioral treatment for sexually abused children suffering post-traumatic stress: Preliminary findings. J Am Acad Child and Adolesc Psychiatry. 1990;29:747-52.
4. Rivera B, Widom CS. Childhood victimization and violent offending. Violence Vict. 1990;5(1):19-35.
5. Maxfield MG, Widom CS. The cycle of violence. Revisited 6 years later. Arch Pediatr Adolesc Med. 1996;150(4):390-5.
6. Widom CS, Ames MA. Criminal consequences of childhood sexual victimization. Child Abuse Negl. 1994;8(4):303-18.
7. Ross CA, Miller SD, Bjornson L, Reagor P, Fraser GA, Anderson G. Abuse histories in 102 cases of multiple personality disorder. Can J Psychiatry. 1991;36(2):97-101.
8. Nagata T, Kiriike N, Iketani T, Kawarada Y, Tanaka H. History of childhood sexual or physical abuse in Japanese patients with eating disorders: relationship with dissociation and impulsive behaviours. Psychol Med. 1999;29(4):935-42.
9. Garno JL, Goldberg JF, Ritzler BA. Impact of childhood abuse on the clinical course of bipolar disorder. British J Psychiatry. 2005;186:121-5.
10. Hammersley P, Dias A, Todd G. Childhood trauma and hallucinations in bipolar affective disorder: preliminary investigation. Br J Psychiatry. 2003;182:543-7.
11. Meyerson LA, Long P, Miranda Jr R, Marx BP. The influence of childhood sexual abuse, physical abuse, family environment, and gender on the psychological adjustment of adolescents. Abuse and Neglect. 2002;25(7):387-405.
12. Osofsky JD. The effects of exposure to violence on young children. Am Psychol. 1995;50(9):782-8.
13. D'Amora D. Presentation during the training program. In: Defense of the community: effective community-based responses to sex offenders. New York, Westchester County, Silver Spring; 1999.
14. Fernandez YM, Marshall WL, Lightbody S, O'Sullivan C. The child molester empathy measure: description and examination of its reliability and validity. Sexual Abuse. J Res Treat. 1999;11(1):17-31.
15. Murray JB. Psychological profile of pedophiles and child molesters. J Psychol. 2000;134(2):211-24.
16. Holmes RM, Holmes ST. Profiling violent crimes: an investigative tool. New Delhi: US; 2002.
17. Kocsis RN, Cooksey RW, Irwin HJ. Psychological profiling of offender characteristics from crime behaviors in serial rape offences. Int J Offender Ther Comp Criminol. 2002;46(2):144-69.
18. Lanning KV. Ritual abuse: a law enforcement view or perspective. Child Abuse Negl. 1991;15(3):171-3.
19. Lanning KV. Child Molesters: a behavioral analysis – for law-enforcement officers investigating the sexual exploitation of children by acquaintance molesters. 4ª ed. Federal Bureau of Investigation (FBI); 2001.
20. Fuller AK. Child molestation and pedophilia. An overview for the physician. JAMA. 1989;261(4):602-6.
21. Ames MA, Houston DA. Legal, social, and biological definitions of pedophilia. Arch Sex Behav. 1999;19(4):333-42.
22. Horner G. Child sexual abuse: psychosocial risk factors. J Pediatric Health Care. 2002;16:187-92.

23. Craig LA, Browne KD, Beech A, Stringer IAN. Differences in personality and risk characteristics in sex, violent and general offenders. *Crim Behav Ment Health*. 2006;16:183-94.
24. Leclerc B, Beauregard E, Prulx J. Modus operandi and situational aspects in adolescent sexual offenses against children: a further examination. *Int J Offender Ther Comp Criminol*. 2008;52(1):46-61.
25. Salfati CG, Canter DV. Differentiating stranger murders: profiling offender characteristics from behavioral styles. *Behav Sci Law*. 1999;17(3):391-406.
26. Ortiz-Tallo M, Cardenal V, Blanca MJ, Sánchez LM, Morales I. Multiaxial evaluation of violent criminals. *Psychol Rep*. 2007;100(3 Pt 2):1065-75.
27. Sharma BR. Disorders of sexual preference and medicolegal issues thereof. *Am J Forensic Med Pathol*. 2003;24(3):277-82.
28. Gacono CB, Meloy JR, Bridges MR. A Rorschach comparison of psychopaths, sexual homicide perpetrators, and nonviolent pedophiles: where angels fear to tread. *J Clin Psychol*. 2000;56(6):757-77.
29. Hare RD. Psychoopathy: a clinical and forensic overview. *Psychiatr Clin North Am*. 2006;29(3):709-24.
30. Hill A, Habermann N, Klusmann D, Bener W, Briken P. Criminal recidivism in sexual homicide perpetrators. *Int J Offender Ther Comp Criminol*. 2008;52(1):5-20.
31. Langström N, Grann M. Psychoopathy and violent recidivism among young criminal offenders. *Acta Psychiatr Scand Suppl*. 2002;(412):86-92.
32. Myers WC, Blashfield R. Psychopathology and personality in juvenile sexual homicide offenders. *J Am Acad Psychiatry Law*. 1995;25(4):497-508.
33. Pinizzotto AJ, Finkel NJ. Criminal personality profiling: an outcome and process study. *Law Hum Behav*. 1990;14:215-33.
34. Porter S, Woodworth M, Earle J, Drugge J, Boer D. Characteristics of sexual homicides committed by psychopathic and non psychopathic offenders. *Law Hum Behav*. 2003;27(5):459-70.
35. Rigonatti SP, Serafim AP, Caires MAF, Guerra AH, Arboleda-Florez J. Personality disorders in rapists and murderers from a maximum security prison in Brazil. *Int J Law Psychiatry*. 2006;29(5):361-9.
36. Woodworth M, Porter S. In cold blood: characteristics of criminal homicides as a function of psychopathy. *J Abnorm Psychol*. 2002;111(3): 436-45.
37. *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (DSM-IV)*. Washington: American Psychiatric Association; 1994.
38. Bradford J. The neurobiology, neuropharmacology and pharmacological treatment of the paraphilias and compulsive sexual behavior. *Can J Psychiatry*. 2001;46:26-34.
39. Cohen JA, Mannarino AP. Predictors of treatment outcome in sexually abused children. *Child Abuse Negl*. 2000;24(7):983-94.
40. Dunsieath NW, Nelson EB, Brusman-Lovins LA, Holcomb JI, Beckman D, Welge JA, et al. Psychiatric and legal features of 113 men convicted of sexual offenses. *J Clin Psychiatry*. 2004;65(3):293-300.
41. Firestone P, Bradford JM, Greenberg DM, Larose MR. Homicidal sex offenders: psychological, phallometric, and diagnostic features. *J Am Psychiatry Law*. 1998;26(4):537-52.
42. Mcelroy SL, Soutullo CA, Taylor PJR, Nelson EB, Beckman DA, Brusman LA, et al. Psychiatric features of 36 men convicted of sexual offenses. *J Clin Psychiatry*. 1999;60(6):414-20.
43. Goodwill AM, Alison LJ. When is profiling possible? Offense planning and aggression as moderators in predicting offender age from victim age in stranger rape. *Behav Sci Law*. 2007;25(6):823-40.